

METODOLOGIAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: ALGUMAS REFLEXÕES

METHODOLOGIES IN ENGLISH LANGUAGE TEACHING: SOME REFLECTIONS

Tânia Regina Mendonça¹

Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira de Almeida²

RESUMO: Este artigo propõe discutir a formação do professor de língua inglesa em cursos de Licenciatura em Letras. Para tanto, serão consideradas as discussões teóricas sobre o ensino de língua estrangeira no contexto de globalização, destacando as relações entre língua, cultura e identidade, a construção da imagem do professor de língua inglesa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que pretende coletar e constatar a imagem da prática docente, identificar quais os métodos são mais adequados. Serão analisadas valendo-se dos pressupostos teóricos da gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1994) em que serão destacadas as escolhas linguísticas. Além de diagnosticar a formação do professor de língua inglesa em Goiás, esta pesquisa pretende propor intervenções metodológicas, a fim de trabalhar a língua como uma atividade social e crítica, mas, sobretudo, desenvolver a consciência cultural do aluno-(futuro) professor. A fundamentação teórica baseia-se praticamente em Rajagopalan (2003), Marcuschi (2003), Richards (2005), Schmitz (2009) e Moita Lopes (2001).

PALAVRAS-CHAVE: Língua estrangeira. Formação. Linguagem. Cultura. Consciência Cultural.

ABSTRACT: *This article aims to discuss the formation of the English teacher in Liberal Arts courses. Therefore, the theoretical discussions on foreign language teaching in the context of globalization will be considered, highlighting the relationship between language, culture and identity, the construction of English Teacher image. It is a qualitative research that aims to collect and verify the image of teaching practice, identify which methods are most appropriate. They will be analyzed making use of the theoretical assumptions of systemic functional grammar (HALLIDAY, 1994) in which language choices will be highlighted. In addition to diagnosing the formation of the English language teacher in Goiás, this research intends to propose methodological interventions in order to work the language as a social and critical activity, but, above all, develop cultural awareness of student-(future) teacher. The theoretical foundation is based almost Rajagopalan (2003), Marcuschi (2003), Richards (2005), Schmitz (2009) and Moita Lopes (2001).*

KEYWORDS: *Foreign Language. Formation. Language. Culture. Cultural awareness.*

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional de Catalão, Goiás, Brasil. Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Coordenadora do Centro de Idiomas - Câmpus de Pires do Rio, Professora de Línguas estrangeiras no Ensino Médio - Colégio Decisão Olimpo, e na 2a fase do Ensino Fundamental - Colégio Dinâmico, Pires do Rio, Goiás, Brasil. Bolsista de Formação da FAPEG. E-mail: taniareg58@yahoo.com.br

² Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), Coordenadora do Centro de Línguas e Professora do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, também da UFG - Regional Catalão, Goiás, Brasil. Consultora da Capes - Avaliação de polos UAB. E-mail: fabiolasartin@gmail.com

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir os estudos da linguagem, enfatizando a importância da linguagem na formação do professor de língua inglesa em cursos de Licenciatura em Letras. Para tanto, serão consideradas as discussões teóricas sobre o ensino de língua estrangeira no contexto de globalização, destacando as relações entre língua, cultura e identidade, a construção da imagem do professor de língua inglesa, as crenças sobre a aprendizagem e o emprego de diferentes métodos de ensino de língua inglesa.

Fundamentando-se nos pressupostos teóricos da gramática sistêmico-funcional, o artigo pretende contribuir para constatar a imagem da prática docente e identificar quais os métodos são mais adequados à realidade do licenciando de Letras, fazendo uma relação com as definições de língua e linguagem.

A formação do professor de inglês é importante e levanta muitas questões. Como professoras do ensino superior, acompanhamos a dificuldade de muitos desses alunos e este texto visa refletir sobre os métodos utilizados para sua formação, dando ênfase no estudo de língua e linguagem.

Concepções de Língua

Para entender os processos pelos quais os professores de inglês passam em sua formação, é necessário compreender o que é língua e linguagem.

A definição de língua não está clara, varia entre fazer parte da evolução e diferenciar o homem dos demais animais. José Borges Neto afirma que é uma abreviação do idioleto de cada pessoa, ou seja, um fenômeno multissistêmico gerido por um dispositivo sócio cognitivo e por formas particulares de comunicação. Essa definição difere de outros autores como Carlos Alberto Faraco e Wanderley Geraldi que defendem que a língua está sempre em formação e sempre em aberto. (CORTEZ & XAVIER, 2003)

MENDONÇA, Tânia Regina; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira de. Metodologias no ensino de língua inglesa: algumas reflexões.

Língua se manifesta como uma atividade social e histórica desenvolvida interativamente pelos indivíduos com alguma finalidade cognitiva, para dar a entender ou para construir algum sentido. [...] língua é atividade sócio-interativa sempre voltada para alguma finalidade e secundariamente serve para transmitir informações e representar o mundo, porque tanto as informações transmitidas quanto o mundo representado são sobretudo produtos ou frutos de um processo interativo em que a língua atua. (MARCUSCHI *apud* CORTEZ & XAVIER, 2003, p. 132).

Sendo a língua uma atividade individual que propõe a interação cultural de determinada sociedade, para aprender uma nova língua, deve-se conhecer as manifestações culturais do lugar de origem, assim como sua história. Os domínios das línguas são recursos a serem mobilizados para agir, produzir, sobreviver e conviver em situações concretas.

Diante do intenso processo de globalização, a aprendizagem de língua inglesa torna-se uma exigência que resulta na criação de vários cursos de formação de professores de língua inglesa os quais, segundo Lima (2009), tem cometido falhas no preparo do professor, principalmente os cursos de dupla habilitação, que colocam profissionais com pouco ou sem domínio do idioma para atuar na rede de ensino pública e/ou privada, comprometendo a qualidade do trabalho que desenvolvem na escola.

Se o estudo de língua engloba mais do que simplesmente dominar gramática e fonética, a pergunta é: o que está faltando em um curso de formação de professores para realmente ser eficaz?

Os cursos de Licenciatura em Letras deveriam formar os professores nas quatro habilidades: *reading* (ler), *writing* (escrever), *listening* (ouvir) e *speaking* (falar). Moita Lopes (2001, p.65) enfatiza isso dizendo que:

[...] uma criança aprende mais facilmente uma LE em uma situação formal de aprendizagem do que adultos; para se ensinar uma LE tem-se que necessariamente ensinar as quatro habilidades linguísticas; é impossível se ensinar uma LE sem um componente cultural do curso; a tradução como solução pedagógica é prejudicial à aprendizagem de LE; o apelo à língua nativa (LN) como um artifício para ensinar LE é nocivo por causa do fenômeno da interferência da LN na LE; o aluno tem que aprender a pensar na LE; algumas LEs requerem um nível de inteligência maior do aluno para serem aprendidas; as regras que definem a competência comunicativa são mais relevantes na aprendizagem do que as regras que caracterizam a competência linguística; o conteúdo linguístico do programa de ensino é o que caracteriza seu enfoque comunicativo; etc. Entre tantos mitos, cada um merecedor de uma reflexão em separado.

MENDONÇA, Tânia Regina; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira de. Metodologias no ensino de língua inglesa: algumas reflexões.

A dependência dos alunos e do próprio professor na língua nativa prejudica o processo de ensino/aprendizagem, pois a língua estrangeira vem acompanhada não só de gramática, fonética e vocabulário, toda a cultura e as tradições de um país acompanham e fazem parte do processo de ensino/aprendizagem. Não se pode ensinar uma Língua Estrangeira (LE) com os mesmos costumes, gírias e expressões que aprendemos na língua nativa, contudo, esse processo pode ajudar os professores, trazendo curiosidades e novidades dos países que falam o idioma escolhido, como inglês, por exemplo, para incentivar o interesse dos alunos e quanto mais atualizada a informação for, maior será o interesse.

Para Schmitz (2009), essa é uma tarefa complexa e as habilidades não devem ser apresentadas de forma isolada, mas sempre em conjunto e, em especial, cabe aos professores de língua inglesa, usarem a língua inglesa em sala de aula. A esse respeito, o autor escreve:

Se o profissional de língua estrangeira não fizer uso do idioma na sala de aula, ele estará abrindo mão da qualificação que mais o caracteriza e que o distingue de professores de outras matérias: a sua condição de ser bilíngue, de poder transitar entre duas culturas, a materna e a estrangeira. (SCHMITZ, 2009, p. 17).

A maioria dos professores usa a gramática como um meio de se chegar ao aprendizado e conclui que se o aluno dominar essas regras terá alcançado o processo de aprendizagem de que precisa. Esse pensamento pode prejudicar o processo, pois o aluno acaba sendo desmotivado, com isso, o processo se torna difícil e sem valor. O aluno começa a se questionar porque estudar língua inglesa. O processo de ensino/aprendizagem depende primeiramente mais do professor do que do aluno. O aluno já vem com a própria motivação, curiosidade e/ou necessidade de dominar uma língua estrangeira. Já o professor deve possuir mecanismos para interagir e despertar o interesse do aluno.

Em algumas instituições, são evidentes os problemas enfrentados no ensino de língua inglesa como, por exemplo, salas lotadas, carga horária mínima, falta de equipamentos e de livros e, principalmente, o professor que fala pouco ou não fala língua inglesa, uma vez que há casos em que a universidade confere diploma a quem não domina a língua (OLIVEIRA, 2009).

Segundo Lima (2009, p. 48), o ensino de línguas estrangeiras tem como meta capacitar o aluno “a ler e a compreender criticamente os textos (de diferentes tipos e gêneros, por meio de diferentes modos/canais como oral, escrito, em jornais, rádio, televisão, em mais

MENDONÇA, Tânia Regina; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira de. Metodologias no ensino de língua inglesa: algumas reflexões.

de um registro linguístico, como o literário, o científico etc.)”. Nessa perspectiva, o texto deve ser o centro do processo ensino-aprendizagem para possibilitar o desenvolvimento da autonomia ao aluno e a leitura crítica, uma vez que são considerados léxico, morfologia, sintaxe, fonologia e conteúdos culturais.

Conforme Luciano Amaral Oliveira (2009, p. 23), “a função do ensino e da aprendizagem de línguas estrangeiras está relacionada ao momento cultural vivido pelos estudantes”. O referido autor lembra que, entre os séculos IX e XIX, vigorava o método gramática-tradução, visto que o contato entre as culturas se dava frequentemente por meio dos textos literários. Posteriormente, o desenvolvimento tecnológico provocou a necessidade de aprender línguas para a comunicação, tanto no turismo quanto no planejamento estratégico das guerras, predominando o método áudio-lingual. Atualmente, a globalização suscita questionamentos sobre diferenças culturais, alteridade e multiculturalismo, por isso recebe importância à questão cultural envolvida no ensino de língua inglesa (OLIVEIRA, 2009, p. 27).

Em razão disso, faz-se necessário desenvolver a competência comunicativa do professor de inglês atrelada ao desenvolvimento comunicativo intercultural (LIMA, 2009, p. 189).

Concepções de Linguagem

Na formação de professores a linguagem tem uma enorme importância, pois sem ela não seríamos capazes de pensar, já que o pensamento humano se estrutura em formas de linguagem, seja verbal, visual, gestual, entre outras. E o professor de inglês deve usar todos os possíveis métodos e formas de linguagem existentes para conseguir o entendimento do seu aluno.

Linguagem é uma capacidade específica dos seres humanos, utilizada para comunicação. A ciência que estuda a linguagem é chamada de Linguística. Ela se inicia do seguinte modo: “A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana” (SAUSSURE, 1916, p. 13). O uso da linguagem se baseia na observação visual e auditiva, e não com estímulos, como alguns animais.

MENDONÇA, Tânia Regina; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira de. Metodologias no ensino de língua inglesa: algumas reflexões.

Diante do intenso ritmo de mudanças de nossa sociedade, temos necessidade de troca e construção do conhecimento, e isso é feito através da linguagem. O estudo de outros idiomas aproxima povos e faz com que os desafios dessas mudanças sejam mais amenos. Essas mudanças também trazem desafios para o professor diante do referencial da escola que se desenha nesse novo século. Os domínios das línguas são recursos a serem mobilizados para agir, produzir, sobreviver e conviver em situações concretas.

Segundo Ferreira (2009, p. 23):

Atualmente, no espaço científico brasileiro, o nome Ciências da Linguagem comparece como nome de programas de Pós-Graduação, ao lado de Linguística, Letras e outros nomes. Em termos quantitativos, se compararmos a grande quantidade existente de programas de Pós-Graduação em Letras e em Linguística com os programas nomeados de Ciências da Linguagem, o nome Ciências da Linguagem, bem como outros nomes, não têm uma presença tão expressiva, mas é uma presença que não deixa de ser significativa.

O estudo da linguagem ficou específico somente aos estudos em universidades de Letras e Linguística, mas a linguagem é aprendida, vivenciada e adquirida por todos em todos os dias e em diferentes situações. Quando fazemos um curso particular para aprender outro idioma, por exemplo, estamos adquirindo com isso uma nova linguagem. Já que o estudo engloba muito mais que vocabulário, gramática e interpretação de textos e diálogos. Aprende-se também sobre a cultura e costumes sociais dos países que tem ela como língua oficial.

A aplicação do ensino de LE teve várias metodologias diferentes, que professores utilizaram para ensinar língua inglesa, métodos que serão apresentados a seguir para entender as formas que diferentes métodos têm na formação do professor de inglês. É importante buscar o estudo desses métodos para auxiliar o futuro professor de inglês a escolher o melhor método, e/ou utilizar uma junção de vários, para melhorar a metodologia de ensino.

Métodos Mais Utilizados em LE

A longa história do ensino de LEs passou por constantes alterações metodológicas. O que constitui um determinado método nem sempre está muito claro e a palavra *método* vem sendo usada por diversos autores com significados e usos diferentes, como a definição de língua.

MENDONÇA, Tânia Regina; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira de. Metodologias no ensino de língua inglesa: algumas reflexões.

O método deriva de uma abordagem e é caracterizado por certas técnicas pedagógicas. Técnica é um procedimento usado em sala de aula visando uma determinada prática e cumprindo um objetivo específico. Richards (2005) aborda os métodos utilizados no ensino de LE:

Antes da II Guerra Mundial o método que predominava no ensino de LE era da Tradução e Gramática que enfatiza o ensino da gramática da LE, sendo sua técnica principal a prática através da tradução. As principais características deste método são aulas ministradas na língua materna, havendo pouco uso ativo da LE; existe um foco principal na gramática, na análise da forma e flexão das palavras; da tradução da LE para a LN é um exercício típico; pouca atenção é dada ao conteúdo dos textos, que são tratados como exercícios de análise gramatical; pouca ou nenhuma atenção é dada à pronúncia.

O Método Direto está entre os mais conhecidos e é o que tem causado mais controvérsias. Neste método não é permitido o uso da LN, a tradução é abolida; a gramática é ensinada indutivamente e regras de generalização surgem através da experiência; a cultura da língua inglesa é aprendida indutivamente; o professor deve ser nativo ou fluente na LE.

As habilidades de compreensão de leitura e suas técnicas foram as metas do Método de Leitura, no qual se ensina somente a gramática relevante e útil à compreensão da leitura que, por sua vez, é a única habilidade linguística enfatizada; atenção mínima é dada à pronúncia; o vocabulário é rigorosamente controlado; a tradução ganha seu lugar de destaque; o professor não precisa ter boa fluência oral na língua inglesa.

O Método Audiolíngual baseia-se na psicologia behaviorista de Skinner (1957), consiste em se apresentar um modelo oral para o aluno, seguido de intensa prática oral, baseia-se na análise contrastiva entre LN e LE; o material novo é apresentado sob a forma de diálogo; depende-se de mímica, da memorização, da repetição; há pouca ou nenhuma explicação gramatical; a pronúncia é enfatizada; o vocabulário é controlado e limitado; há o uso insistente de diálogos gravados, laboratórios de línguas e material visual. Este método possui ligações com o Método Estrutural-Situacional, principalmente no modo como a língua é organizada. O conteúdo consiste em uma sequência de narrativas ou diálogos; a gramática sofre cuidadosa gradação e sequência e é apresentada passo a passo.

O que é conhecido hoje como Método Cognitivo veio atualizar e modificar os métodos abordados. Nele, a língua é vista como decorrente da aquisição de regras e não da

MENDONÇA, Tânia Regina; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira de. Metodologias no ensino de língua inglesa: algumas reflexões.

formação de hábitos; dá-se ênfase à comunicação; a pronúncia não é enfatizada; o aluno é responsável pela própria aprendizagem; os erros são vistos como algo inevitável, algo que deve ser usado construtivamente no processo de ensino; o papel do professor é de ajudar o aluno a aperfeiçoar seu controle da LE.

Criou-se uma metodologia que se apoia menos na prática mecânica centrada no professor e mais na simulação de situações naturais do dia-a-dia. Trata-se de uma reviravolta nas prioridades estabelecidas para o ensino de línguas, esse método é conhecido como Método Funcional. Dá-se mais importância à liberdade de questionamento; é uma comunicação em que o aluno pode concordar, persuadir ou até sugerir algo; enfatiza-se mais a conversação entre os alunos; os materiais são mais direcionados aos alunos refletindo com maior precisão o uso natural da língua; a variação linguística é centrada no conceito de material e metodologia; o professor não conhece exatamente que linguagem os alunos usarão. Este método é seguido em escolas particulares de idiomas, por suportar um número de alunos significativo para a elaboração e execução da metodologia, pois exige uma participação maior por parte do aluno.

Com tantas mudanças na metodologia, o professor deve estar sempre preparado para acompanhar, de forma a suprir as necessidades dos alunos. Por isso é importante ressaltar a necessidade de os professores estarem sempre participando de cursos e treinamentos para aperfeiçoamento.

A Relação Entre Língua e Linguagem Para o Ensino de LE

Para Marcuschi *apud* Cortez & Xavier (2003, p.132-133) a definição de língua e linguagem seria basicamente que:

[...] a linguagem seria uma faculdade mental, própria da espécie humana, que permite a atividade simbólica e a ação intersubjetiva. [...] A língua, por sua vez, seria uma das formas de se organizar, efetivar, concretizar essa faculdade humana, assumindo histórica, social e culturalmente uma determinada maneira de ser. [...] a linguagem seria uma faculdade humana e a língua uma das formas assumidas por essa faculdade no seu exercício cotidiano do ponto de vista social e histórico.

MENDONÇA, Tânia Regina; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira de. Metodologias no ensino de língua inglesa: algumas reflexões.

A aprendizagem de uma língua precisa traduzir-se pela aquisição da habilidade para participar no processo dinâmico e criativo da comunicação, o que não ocorre quando o ensino é feito em unidades separadas, rotuladas e isoladas da língua como um todo.

A globalização, para Rajagopalan (2003), é um fenômeno de significativas consequências para o cidadão e sua língua, mas também para o linguista e sua reflexão sobre a língua, pois provoca mudanças efetivas nos “padrões tradicionais de conceituação da identidade e dos graus de ‘autenticidade’ do falante e também das formas e usos de uma língua, quanto do renovado interesse pela questão das políticas linguísticas” (SIGNORINI, 2003, p. 1).

Ao analisar o livro de Rajagopalan, intitulado *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*, Signorini (2003) destaca que o referido professor estabelece relações entre a identidade e a globalização, entre a identidade e os processos de subjetivação, entre a identidade e a representação como atividade política e ideológica.

Moita Lopes (2001, p.128) cita que “a necessidade do inglês surge, em parte, de valores sociais e de prestígio como também de um desejo de imitar modelos culturais britânicos e americanos.” Os alunos dão muito valor, eles têm consciência de que estudar outra língua será de muita importância para sua vida pessoal, profissional e escolar. Os professores têm, então, que se adequar a essa realidade. Nesse caso, o papel do professor é muito importante, pois ele deve ser mediador de conhecimentos e deve também estar sempre motivado a novas propostas e métodos para atingir o objetivo principal que é fazer com que seu aluno realmente “aprenda” a nova língua.

No que concerne ao objetivo do ensino de línguas, Rajagopalan (2003) define-o como a formação de indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e que têm distintos modos de pensar e agir, isto é, significa a transformação dos sujeitos envolvidos em “cidadãos do mundo” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 70). Conforme Signorini (2003, p. 1), nas ideias de Rajagopalan, é possível reconhecer os componentes "pós-colonial" e "neocolonial", apontados por Bhabha e Mignolo, “das práticas de investigação e reflexão que constituem o linguista em países periféricos como o Brasil”.

Rajagopalan (2007) destaca a necessidade de conduzir os estudos da linguagem baseados numa postura crítica. Segundo o autor, “o linguista vai recuperando seu verdadeiro papel enquanto cientista social, com um importante serviço a prestar à comunidade e, com

MENDONÇA, Tânia Regina; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira de. Metodologias no ensino de língua inglesa: algumas reflexões.

isso, contribuir para a melhoria das condições de vida dos setores menos privilegiados da sociedade a qual pertence” (RAJAGOPALAN, 2007, p. 15).

Zagury (2003) enfatiza que, “independente do modelo de relações interpessoais que predomine em classe, se o professor tiver um bom domínio de conteúdo, consciência profissional, desejo real de levar os alunos à aprendizagem e alguma formação didática, os resultados são, em geral, muito bons.” O bom andamento ou não da aula só depende do professor e de sua disponibilidade de inovações para que seus objetivos sejam alcançados e seus alunos alcancem também o conhecimento para passar por qualquer eventualidade que surgir não só na área profissional, mas também no dia-a-dia.

Inicialmente, esta proposta de pesquisa se inscreve no campo da Linguística Crítica que, para Rajagopalan (2007, p. 18), “nasceu a partir da conscientização de que trabalhar com a linguagem é necessariamente intervir na realidade social da qual ela faz parte”. Nessa perspectiva, a linguagem é uma prática social, carregada de “conotações ideológico-políticas” (RAJAGOPALAN, 2007, p. 19). Moita Lopes (2001, p.104):

Acrescentaria ainda que o interdisciplinar envolve o interesse e respeito pela voz do outro, isto é, por ouvir o que o outro está dizendo com a finalidade de analisar como suas ideias se coadunam com as perspectivas que se tenha. Na universidade, como afirma Tannen (s/d), o comum é ouvir o outro para destruir seu argumento, como se faz no discurso da vida privada quando estamos aborrecidos com alguém.

Após o término do curso de Licenciatura, o professor encontra muitas limitações como recursos financeiros e incentivos para especializar-se, com isso ele toma uma atitude de comodismo e se deixa prender cada vez mais somente em tradução e gramática. O professor deve manter uma relação amigável com seus alunos, para que eles jamais tenham receio de questionar e tirar suas dúvidas. Ele deve ser acima de tudo autocrítico, pois com essa atitude ele poderá avaliar da melhor forma como suas aulas deverão ser ministradas, com essa atitude ele evitará a repetição dos erros e a monotonia de suas aulas. Os professores têm que aprender a vencer suas limitações e buscar cada vez mais oportunidades de conseguir conhecimentos e aperfeiçoamentos para oferecer um ensino mais comunicativo.

No que se refere à pedagogia crítica em língua inglesa, Giuliani (2009) enfatiza que, para Pennycook, faz-se imprescindível um currículo assentado em temas que problematizem a realidade social e o universo do educando. Para Fairclough (apud LIMA,

MENDONÇA, Tânia Regina; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira de. Metodologias no ensino de língua inglesa: algumas reflexões.

2009, p. 50-51), um dos precursores da Linguística Aplicada Crítica e Interdisciplinar, torna-se indispensável uma consciência crítica da linguagem para a educação contemporânea e destaca a importância das novas mídias tecnológicas. Também, segundo os apontamentos de Martins (2007), o profissional de ensino deve ter uma formação sólida na área de ensino/aprendizagem de línguas, adotar uma postura crítica, levando o aluno a entender e vivenciar a cultura de outro povo, valorizando a cultura de seu país, formando cidadãos reflexivos.

Considerações Finais

O que se espera hoje no processo de ensino de língua inglesa é que ele possibilite ao aluno recursos que o auxiliarão na vida profissional e social. Com isso, o modo como os professores estão sendo preparados é de suma importância.

Já foi abordado que o idioma deve ser ensinado da mesma forma que se aprende a língua materna, com base nisso, é importante ressaltar que o inglês deva acompanhar o aluno desde as séries iniciais. O aluno não está sendo preparado de forma atualizada, e ele sabe “para que” e “onde” vai precisar do inglês em sua vida. O aluno tem necessidade de um material de apoio diferenciado e de qualidade para garantir que o que ele aprende vai auxiliá-lo, se essa metodologia fosse aceita e aplicada, aprenderia a se comunicar em inglês, primeiramente, o vocabulário e a pronúncia seria o objetivo principal nesta fase. Então, depois de um conhecimento prévio, viriam a leitura e a gramática. Dessa forma, o inglês se adaptaria à vida do aluno de forma natural, acompanhando seu dia-a-dia.

Ressaltando, desde cedo, o idioma passaria a ser de cunho importante para a vida do aluno. Ele daria mais importância às aulas, sua participação seria maior. Contudo, a formação do professor deveria ser intensa, com treinamentos e aperfeiçoamentos semestrais.

Moita Lopes (2001, p. 181) ressalta que:

[...] a formação teórico-crítica do professor de línguas envolve dois tipos de conhecimentos: um conhecimento teórico sobre a natureza da linguagem em sala de aula e fora dela e um conhecimento sobre como atuar na produção de conhecimento sobre o uso da linguagem em sala de aula, isto é, sobre os processos de ensinar/aprender línguas.

MENDONÇA, Tânia Regina; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira de. Metodologias no ensino de língua inglesa: algumas reflexões.

O que se espera hoje no processo de ensino de língua inglesa é que ele possibilite ao aluno e futuro professor recursos que o auxiliarão na vida profissional e social. Conclui-se, com isso, que o processo de formação de professores ainda possui muitas falhas, que devem ser pensadas e solucionadas para o melhoramento do ensino de língua inglesa para formação de futuros professores.

Os professores devem lutar contra os preconceitos e o tabus de que seus alunos não têm capacidade de aprender. Pelo contrário, os alunos sabem que é importante, só falta também mais um pouco de motivação por parte dos professores que devem estar preparados para formar esses alunos para futuros professores e que sejam competentes.

A conclusão geral é de que tudo e todos têm que reformular seus conceitos: governo, instituição de ensino, professores e alunos. O governo deve dar mais apoio financeiro; as instituições de ensino devem apresentar programas de treinamento e aperfeiçoamento; os professores devem ter iniciativa e disposição para aceitar as mudanças, afinal, são novos professores, os alunos que eles vão formar. A responsabilidade é maior ainda. E, é claro, os alunos devem mostrar mais interesse e procurar saber cada vez mais.

O ponto de partida deve ser o professor, pois se este se dispõe a mudar sua metodologia, os alunos se interessarão mais pelas aulas, a instituição de ensino dará mais incentivo e se verá compromissada a viabilizar cursos de aperfeiçoamento para seu público. Enfim, o professor deve estar sempre preparado para as transformações, pois com a globalização e o desenvolvimento dos países, tudo se renova constantemente, em especial, o ensino de língua inglesa.

MENDONÇA, Tânia Regina; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira de. Metodologias no ensino de língua inglesa: algumas reflexões.

REFERÊNCIAS

CORTEZ, Suzana; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Conversas com linguistas: Virtudes e Controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. *A linguística e outros nomes de saber sobre a linguagem*. 2009. Disponível em <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/1106/861>> Acesso em 20 de julho.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. 2003. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola Editorial. In: SIGNORINI, Inês. Resenha. *Revista Delta*, vol.19, n.2, São Paulo, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502003000200011&script=sci_arttext> Acesso em 28 jul. 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma Linguística Crítica. *Revista Línguas & Letras*, v. 8, n. 14, 1º sem. 2007, p. 13-20. Disponível em <www.unioeste.br/saber>. Acesso em 25 ago. 2013.

RICHARDS, C. Jack. *Reflective teaching in second language classroom*. 11. ed. . United States of America: Cambridge University Press, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SCHMITZ, John Robert. Ensino/aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola pública: uma meta alcançável?. In: LIMA, Diógenes Cândido. *Ensino Aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 13-20.

ZAGURY, Tânia. *Liderança em sala de aula*. Apostila para capacitação de professores. s.l: 2003.

Recebido em 08/06/2017

Aprovado em 25/06/2017